

## **RIO GRANDE DO SUL – Sapucaia do Sul**

### **A Redenção de Inês**

*Amanda Ferreira Meurer*

Instituto Federal Sul-rio-grandense

Meu nome é Inês, vem do grego e significa casta ou pura. Coisa que não fui nem terei a chance de me tornar, pois estou morta. Escrevo a vocês para pedir encarecidamente que me perdoem. Eu sinto muito. “Perdoar o quê? Sequer conheci você”, tu debes estar pensando. É verdade, mas mesmo que eu também não tenha te conhecido, seja menino ou menina, moço ou moça, homem ou mulher, sei que meus erros afetaram tua vida.

Durante meu período de vida, milhares de mulheres foram espancadas, violentadas, assassinadas, tiveram seus direitos sociais e a liberdade individual arrancados por um mal muito anterior à cidadania: o machismo. E eu, infelizmente, também sou responsável por todo sofrimento destas mulheres. Antes de seguir, te peço: não crie ressentimentos para comigo. Assim como toda mulher machista, fui tanto opressora, como minha própria vítima.

Se achares que me culpo à toa, deixe-me explicar. Em vida – assim como todo mundo – adquiri muitos preconceitos. Estes preconceitos me mantiveram cega à realidade enquanto vivi, mas os abandonei junto com o plano terrestre e, de alguma forma, fui tomada por uma epifania. Desde então, venho observando o comportamento humano. Percebi que o preconceito em geral, seja sexual, racial ou social, dissemina-se. Ninguém nasce preconceituoso, e isto está claro. As pessoas adquirem conceitos e pré conceitos observando o meio em que vivem. No meu caso, observei uma cultura sexista. Durante o passar dos anos, convivi com muita gente: amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares, meus próprios filhos educados conforme o sexo, minha nora que tanto ensinei a servir meu filho assim como servi meu marido... A todos eles, eu influenciei. Eles, por sua vez, influenciaram outras pessoas, e assim por diante. Portanto, porque ingenuamente aderi ao machismo e inevitavelmente o disseminei, também fui responsável pelo sofrimento de incontáveis mulheres.

Realmente não fui agressora, mas fui cúmplice do marido violento ao justificar a agressão dizendo que sua esposa não agia como deveria. Fui cúmplice do estuprador no momento em que duvidei da vítima me baseando apenas roupa em que vestia. Questionei a capacidade profissional de moças em qualquer serviço que não fosse como empregada doméstica e, hoje sei, contribuí para o tráfico de mulheres e para a prostituição. Ao ensinar meninas que deveriam ser perfeitas donzelas enquanto

estimulava meninos a ter o máximo de relações sexuais possíveis, fui responsável por crimes de violência sexual. Como se não fosse o bastante, brinquei: “Segurem suas cabritas porque meu bode está solto”.

Como já disse, venho observando as pessoas. No dia 29 de agosto de 2013, assisti a um homem torturar e perfurar os olhos da ex-mulher que havia se recusado a reatar o relacionamento. Para ti, minha querida, que agora vais viver na escuridão de um jeito diferente do que eu vivi, minha sincera admiração por toda força e coragem que tens tido. Gostaria de ter sido parecida contigo, gostaria de ter uma segunda chance. Ser feminista, lutar por igualdade para todos independente de qualquer diferença. No entanto, cada um tem apenas uma chance, e é por isso que venho alertar a vocês para que não desperdicem suas oportunidades como eu desperdicei.

Por mais estranho que pareça, pude perceber que a sociedade sexista não se limita a oprimir mulheres. Qualquer homem que não desejar ter relações sexuais com diversas mulheres como se fossem objetos, casar, ser o núcleo de poder e núcleo econômico de uma família, é tido como aquele que falhou. Macho tem que ser forte, insensível, bem remunerado. Não pode ser delicado, não pode chorar, não pode ser vaidoso ou – Deus o livre! – ser ajudado financeiramente por uma mulher. Afinal, o livre arbítrio não é tão livre assim.

Por falar em ausência de liberdade, não posso deixar de lembrar dos homossexuais que, admito, muito desprezei. Desprezei porque no fundo não entendia como alguém do sexo masculino podia ter o tão indigno gênero feminino, ou como uma mulher poderia ousar buscar sua própria felicidade e – vejam só! – não servir a homem nenhum. Aos héteros, gays, bis, trans: quero que saibam que a luta feminista e a luta contra a homofobia são uma só. Jamais se envergonhem de ser quem são, pois não há razão para isso. Quanto àqueles que os tratam de maneira indigna hoje, estarão envergonhados de si mesmos amanhã... E disto, eu entendo.

Quanto ao machismo feminino que tanto pratiquei e por isso me chocou especialmente quando pude entender sua dimensão, existem diversas formas de manifestação. Há aquelas que compram a historinha misógina de que mulheres são superficiais, fofoqueiras, fúteis, aproveitadoras e passam a sentir orgulho por serem machistas, pois querem dizer à sociedade “vejam, eu não sou como elas”, sem perceber que na realidade pouquíssimas pessoas são (e têm essas características independentemente de gênero). Riem de piadas machistas para mostrar que elas sim têm senso de humor; ressaltam que não gostam de maquiagem, salto alto ou rosa pink. Gostaria que essas atitudes fossem consequência de uma nova liberdade individual para as mulheres, mas é uma tentativa falha de fugir da opressão machista aliando-se a ela.

A mesma estratégia falha de aliar-se ao machismo é adotada por uma surpreendente quantidade de garotas que sentem como se precisassem parecer modernas e liberadas sexualmente, onde o objetivo não é buscar prazer, mas aparentar fazer sexo por uma questão de aceitação social. Considero esse novo tipo de opressão machista tão repugnante quanto o clássico, que foi meu caso.

Fui pressionada a me mostrar pura a vida inteira. Casta e pura, como meu nome. Me senti desprezível e egoísta porque lá no fundo eu queria mesmo é ser feliz e – que ideia absurda! – viver pra mim mesma. Acabei preferindo viver uma farsa do ir contra tudo que havia observado. Fingi ser quem haviam me ensinado a ser, mas não era – podes me entender?

Me chamo Inês, mas o significado do meu nome não influenciou quem fui. Por outro lado, meu sexo, minha raça, opção sexual e, sobretudo, a sociedade ditaram a pessoa que passei a vida sendo, embora não fosse. E quanto a ti, vais deixar que aconteça o mesmo contigo?